

Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista



Editor, Administrador e Proprietário:
ARTUR BASTO

Director
P.º ALBERTO DA ROCHA MARTINS
Telefone 82451

Redacção e Administração: TIPOGRAFIA «VITÓRIA»
Composição e Impressão: Tip. «Vitória» — BARCELOS

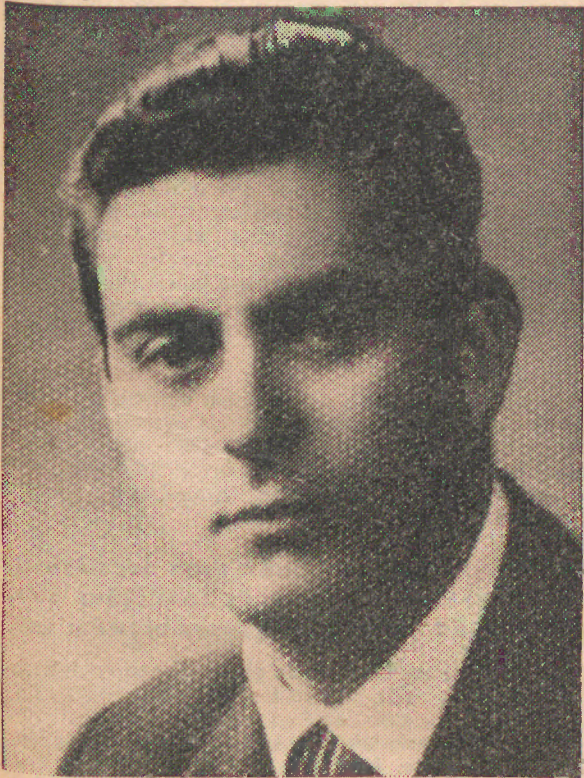
POLÍTICA AGRÁRIA

O DR. MOTA DE CAMPOS

pronunciou uma conferência
que subordinou ao tema:

RUMO AO FUTURO

NO Ministério da Economia, na última sexta-feira, efectuou-se uma reunião plenária do Conselho Superior da Agricultura, expressamente convocada para os vogais e outras individualidades convidadas, ouvirem uma exposição do Secretário de Estado da Agricultura, Dr. João Pereira Mota de Campos,



DR. JOÃO MOTA DE CAMPOS
Ilustre Secretário da Agricultura

sobre política agrária e discussão de problemas concretos a apreciar por aquele organismo.

Estiveram presentes o ministro da Economia, os Secretários de Estado do Comércio e da Indústria, diversas personalidades de relevo, nomeadamente deputados à Assembleia Nacional, procuradores à Câmara Corporativa, catedráticos do Instituto Superior da Agronomia e da Escola Superior de Medicina Veterinária, directores-gerais do Ministério da Economia e, ainda, numerosos representantes da Agricultura.

Presidiu à reunião o Secretário de Estado da Agricultura, ladeado pelo Engenheiro Botelho da Costa, secretário-geral do Ministério da Economia e vice-presidente do Conselho Superior de Agricultura e Eng. Caldas de Almeida, presidente da Corporação da Lavoura.

(Cont. na página 2)

Carta a um «Mister»

A PUBLICAR BREVEMENTE

Protecção do figurado

Por E. LAPA CARNEIRO

UMA das atitudes mais generalizadas relativamente à sobrevivência de uma qualquer manifestação de artesanato folclórico, consiste em considerar que não é lícito acudir-lhe, sob pena de a atingir na sua espontaneidade, no seu valor etnográfico, pois — pensam os que nesta posição se colocam — toda a regulamentação ou simples amparo destruiria nela a pureza popular. E, tratando-se já de um problema de sobrevivência, — que se põe quando o artesanato tem de competir no mercado com os produtos industrializados, geralmente de materiais mais duráveis e de melhor acabamento, e ainda quando ele tem de fazer frente às mudanças de gosto, — mesmo assim há quem lhe recuse assistência, no convencimento de que a morte próxima é inevitável.

É, pois, como se vê, uma atitude inoperante, e em certo sentido equivalente só à dos que não enxergam sequer o problema. Os primeiros amam a coisa, os segundos desconhecem-na, e, no entanto, recebe ela de ambos idêntico auxílio. Os primeiros assistem ao desastre felizes na inconsciência, os segundos sofrem, afligem-se, porém, visto que o naufrago é para eles intocável, embora esteja ao alcance da mão, visto que para eles uma tentativa de salvamento constituiria um sacrilégio, nada mais podem fazer senão a chorosa notícia necrológica e o solene epitáfio, género literário em que o português dá cartas, como Cervantes reconheceu.

O problema da cerâmica de Barcelos apresenta-se, para quem, colocando-se numa posição activa, pretenda encarar as possibilidades de protecção, complexo, pois que há aqui um artesanato em relação estreita com uma indústria incipiente e na dependência de uma forma de exploração ignominiosa — os chamados armazéns — e se bem que haja necessidade de destrinçar bem estas coisas e aplicar a cada uma as medidas mais convenientes, não é menos verdade que, encontrando-se elas tão estreitamente ligadas, não se torna possível perspectivar qualquer uma sem integrá-la no conjunto. A meu juízo, é um problema que demanda decisão, muita boa vontade e colaboração sem preconceitos de várias especialidades.

Restringirei este apontamento ao figurado, enquanto produto artesanal, porque do resto pouco saberia dizer, e porque o presumo mais na eminência de irremediavelmente perder os liames com a tradição, pois, destinando-se à decoração e carecendo de utilidade prática, — a qual garante ainda alguma vida ao vasilhame tradicional, — o produtor encontra-se sujeito ao gosto do comprador. E sabemos como, por sortes várias, tem este perdido seiva e vigor (1).

(Continua na página 6)

A invasão do Estado Português da Índia pelo Exército da União Indiana

A imprensa livre de todo o Mundo continua a verberar a infamíssima agressão armada da União Indiana para conquistar o minúsculo Estado Português da Índia. O último discurso do Prof. Dr. Oliveira Salazar teve a maior repercussão, sendo unânime, na imprensa mundial, a compreensão da atitude do Chefe do Governo Português perante o procedimento da O. N. U., da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos.

A máscara de «pacifismo» do pandilha Nehru foi completamente desfeita ante o ignóbil e vil ataque a Goa

(Continua na página 2)

Continuam com entusiasmo os Cursos de Catequese neste Arciprestado

A catequese, que podemos traduzir por educação cristã, é a maior necessidade dos nossos tempos.

Educar, segundo a etimologia da palavra, significa conduzir dum lado para o outro.

Catequisar quer dizer, portanto, conduzir os homens de um mundo pagão ou de uma vida pagã, para uma vida cristã e mundo cristão. Já lá vai o tempo, felizmente, em que a palavra catequese significava meter na cabeça das crianças uma série de fórmulas doutrinares, em que se resumiam o dogma e a moral cristãs — fórmulas que, uma vez decoradas, davam direito a ser admitida a criança ou o adulto aos sacramentos. Por isso lhe chamavam — a «doutrina». A esta «doutrina» sem vida nem significado para as crianças sucedeu uma outra concepção mais apta a fazer cristãos, isto é, que a catequese deveria ser o ensino da vida cristã.

Durante, porém, muito tempo, esta «vida cristã» não chegava a sê-lo, pois viver como toda a gente só com a diferença de ser religioso e de aparecer aos olhos dos homens como cumpridor das regras de uma vida de igreja, não basta. Hoje começa a ter-se a noção clara de que a vida cristã é uma vida heróica de fé — dessa fé que, na expressão de S. João, vence o mundo; é uma vida mais heróica ainda de amor por todos os homens, sobretudo pelos mais necessitados de bens

CARTAS DA CAPITAL

Meu m.º Rev. Amigo:

Eu creio, e ainda bem que o creio, que esta semana falei ou para ser mais justo e verdadeiro — neste Domingo, da Sagrada Família, em que lhe escrevo — dominei o hábito e o vício em que caí e com o qual só eu fico a lucrar.

Aqui metido, completamente só em meu mundo — os meus estão além, noutra compartimento com um dos quatro cantos ocupado por uma modernidade, frente a um inferno que lhes excita os nervos —, mundo só de saudades, de recordações, sou como o eremita que se isola para se encontrar.

E quem se quer encontrar não vai a nada levando aos outros os seus encontros.

Falei e you ver se mais vezes falto. Só por mim não invento, e Lisboa não me espevita os nervos nem vitaliza a minha inventiva.

Só vejo lojas onde só se faz comércio: quem entra compra; quem lá pára quer vender.

E o pior, meu Amigo, é que todos mais não querem que vender: só assim se ganha a vida.

Lisboa é conto de fadas, mundo de maravilhas, para nós provincianos!

Mas quanta ilusão desfeita, Deus meu, quando a vivemos por dentro!

(Continua na página 2)

A invasão do Estado Português da Índia pelo Exército da União Indiana

(Continuação da página 1)

e posta bem a descoberto a sua verdadeira facies, de usurpador, agressor e criminoso.

A respeito da invasão e ocupação do Estado Português da Índia pelas tropas da União Indiana, ainda há notícias confusas e contraditórias o que não admira porque a União Indiana, montou a máquina de propaganda a seu bel-prazer sem dar liberdade de movimentos aos próprios enviados especiais dos jornais indianos.

Mas uma coisa é certa e bem dolorosa para todos os portugueses e para a própria civilização ocidental e cristã é que Goa, a Roma do Oriente, portuguesa há perto de cinco séculos, foi ocupada militarmente, numa bárbara e flagrante violação do direito e da justiça, pelas forças armadas da União Indiana.

E também não há dúvida que o equipamento das forças de terra, mar e ar empregadas pela União Indiana, num total de 40.000 homens, era do mais moderno. As forças portuguesas do minúsculo Estado Português da Índia eram, e foram sempre suficientes, para nunca deixar levantar cabeça meia dúzia de traidores e os terroristas que estavam constantemente a infiltrar-se, idos da União Indiana, país de 550 milhões de habitantes, sendo 50 milhões de «intocáveis» e os restantes, famintos, na sua esmagadora maioria.

Apesar da enorme desproporção de meios e de forças, os portugueses obrigaram a União Indiana a pôr em movimento a máquina de guerra do hipócrita e falso pacifista Nehru, e conseguiram ainda que o mundo verificasse bem a impotência e a inutilidade da O. N. U. e que Portugal ficasse a ter conhecimento da eficácia de velhas alianças e de apoios morais...

A operação relâmpago e de polícia como faziam crer os meios indianos, em poucas horas, levou alguns dias e sempre que foi possível, apesar da desproporção de forças e meios, os portugueses souberam defrontar com valentia o agressor bárbaro, vil e traiçoeiro.

Pelo seu comportamento heróico, o comandante do «Afonso de Albuquerque» foi felicitado, no Hospital, por oficiais da armada Indiana.

E ainda há dias Nova Delhi anunciou a prisão de alguns guerrilheiros.

Ao contrário do que pretendia insinuar o Governo de Nova Delhi, o Governo Português continua a desenvolver os maiores esforços para o repatriamento dos prisioneiros do Estado Português da Índia.

A questão de Goa, como disse o Chefe do Governo, está agora a começar.

materiais ou de bens da fé. É uma vida que aparece não com a vara do mando na mão ou como quem vai ao encontro dos outros para os proteger ou salvar, mas uma vida de servos que se revestem das vestes da humildade e que pedem perdão do pão que distribuem ou da palavra que levanta, converte e salva, na mesma humildade de Nosso Senhor Jesus Cristo que quase nos pede desculpa de ter derramado o seu sangue por nós e se apresenta como mendigo, a bater à porta de cada um, com vergonha de nos importunar ou constranger, embora venha só para nos dar tudo.

Por isso, mais do que nunca, a catequese — inadiável obrigação da Igreja — é de cada vez mais difícil, mais exigente e mais trabalhosa. É necessário — como diz o Apóstolo S. João — transferir da morte para a «vida» a alma das crianças e dos adultos. Mas, para o fazer, é necessário ensinar as crianças a amar, porque, se somos transferidos da morte para a vida é porque amamos os nossos irmãos, isto é, todos os homens, sobretudo os piores, os mais pervertidos, os mais descrentes, os mais inimigos, que são exactamente os mais necessitados.

Bem hajam, pois, quantos consagram tempo e vida à catequese. São estes os obreiros maiores da Casa de Deus e os Anjos da Paz e do Amor.

*

Com este objectivo se estão a realizar Cursos para catequistas nas diversas freguesias de Barcelos. Depois de três dias de lições às catequistas de Vila Cova, houve mais um curso em Arcozelo, na Casa das Religiosas, em que tomaram parte muitas dezenas de catequistas, inclusivé, algumas religiosas. Há dias, realizaram-se mais dois: um em Quintiães, destinado àquela freguesia e circunvizinhas, e outro, em Balugães, para as suas catequistas, bem como para as das paróquias próximas.

Em todas elas, as lições estiveram a cargo dos Reverendos Arcipreste, Padre Rodrigo Novais; Padre Joaquim Fonseca, de Roriz; Padre António Cardoso, de Remelhe e Padre Areias da Costa, de Vila Seca.

Aliquid

Cartas da Capital

(Continuação da página 1)

Fui em duas tardes destas, desta semana acabada, percorrer, em visita, quarenta e dois Serviços de muitas mais enfermarias dos hospitais.

Sair de lá findo ter-lhe bebido e respirado bem o ar e vir cá para fora é continuar a ver em cada cara mais um caso. E que casos desses e nesses que estão deitados; nesses e desses que andam de pé, cá fora. Os que conhecemos iguais, exactamente iguais a quantos ignoramos. Quantos casos desconhecemos!

Domingo, da Sagrada Família! Só aí a encontro, nele me encontro com todos os meus, de hoje, de ontem, um ontem que continua hoje.

Mas tive um alegrão em tanta dor a sangrar: veio verme, apareceu-me, vivíssimo como sempre, olhos nos olhos, o Ant. Carlos. Vinha com os meus da Missa, neste Domingo da Sagrada Família; e comi feijão, feijão de aí. Estava assim por aí, mais por aí, com o feijão do almoço e a visita já não esperada.

É o que me vai valendo nesta presença dos ossos por Lisboa.

Não digamos que por aqui não há motivos de sobra e de sobejo, pretextos, temas para espiolar, analisar, tratar, que em mãos de um homem e em miolos afinadinhos seriam nunca acabar.

E assim eu lhe escreveria cartas e mais cartas, enormes, de muitas páginas, de muita doutrina, de muita filosofia.

Mas que calma, e que vontade, devíamos ter hoje, vivendo neste mundo em que a imprensa diária nos mete logo de manhã?

Se dormimos calmos logo o jornal nos enche de preocupações e das maiores. O que vai ser do mundo?

E hoje, meu Amigo, é festa da Sagrada Família: o pensamento deve incidir, a principiar, pela nossa, de cada um.

É o que vou fazer, mortinho vício de lhe escrever. Beija-lhe a mão o muito Amigo

S. P.

—X—

A Campanha psico-social da recuperação dos nativos do Norte de Angola

Em Angola continua a decorrer com o maior êxito a campanha psico-social da recuperação dos nativos do norte da província.

Na região do Negage, considera-se praticamente encerrada a campanha.

Até ao dia 8 do mês corrente, tinham-se apresentado às autoridades locais 130.000 nativos, que se encontravam afastados das suas sanzalas — número que representa sensivelmente o total dos nativos da região do Negage naquelas condições.

Política Agrária

(Continuação da página 1)

Após breves palavras de cumprimentos o Sr. Dr. João Mota Pereira de Campos, iniciou a leitura da sua exposição a que deu o título de «Rumo ao Futuro».

Ao apreciar, logo de início, a crise da agricultura portuguesa, salientou: «As desfavoráveis condições climáticas que nos últimos anos nos flagelaram, criando à gente do campo e ao País acrescidas dificuldades, vieram apenas pôr a nú os sintomas de uma crise muito séria, evidenciando sumamente a reduzida eficácia económica e social da agricultura portuguesa».

A agricultura não se organizou ainda de forma a transformar e a comercializar os seus produtos

«É evidente que uma agricultura, como a nossa, assente, na maior parte dos casos, em explorações mal dimensionadas sob o ponto de vista económico-agrário, tecnicamente mal equipadas, profissionalmente mal geridas e em que, portanto o nível da produtividade dos factores terra, trabalho e capital é necessariamente baixo; uma agricultura que ainda por cima não se organizou por forma a transformar e comercializar os seus produtos libertando-se de uma teia de intermediários em larga medida dispensáveis; uma agricultura que, em suma, luta para sobreviver, mas parece não possuir uma noção clara de quais sejam as reivindicações básicas de uma vida aceitável, passou a raciocinar apenas em função dos seus altos custos de produção e a reclamar dos poderes públicos constantes intervenções conjunturais, sem cuidar de saber se produz os géneros que o mercado reclama, em quantidade e qualidade vendáveis e a preços que possam suportar o confronto com aqueles por que o produto estrangeiro poderá, uma vez liberto de entraves, penetrar no País.

Salientou logo em seguida que a massa de pessoas que actualmente desempenham uma profissão na agricultura — cerca de 45 por cento da população activa do País — não consegue recolher do produto nacional mais do que uma magra fatia que representa aproximadamente a quarta parte. Acrescentou que este facto conduz a um êxodo agrícola e, por consequência, à falta de mão-de-obra, «para que a lavoura não estava preparada e numa continuada elevação de salários que, nas actuais condições, há enorme dificuldade em suportar».

O capitalismo agrário tem sido nocivo ao desenvolvimento da agricultura portuguesa

Ao acentuar que a agricultura portuguesa não pode remunerar satisfatoriamente os capitais investidos na exploração agrícola, o secretário de Estado sublinhou:

«O empresário que é, simultaneamente, proprietário dos meios de produção, já nem se preocupa com essa remuneração, porque não contabiliza sequer o seu trabalho e o dos seus familiares. A sua preocupação parece ser a de subsistir.

«Põe-se em termos diferentes o problema para o proprietário que, dominando juridicamente a terra, a não explora, e para o respectivo rendeiro; este esfalfa-se para remunerar o capital alheio, sacrificando normalmente a justa compensação do seu próprio trabalho; aquele realiza, através da renda, um juro que, embora contabilisticamente baixo, é função de uma situação de «fome de terra» que valorizou a propriedade rústica por forma tão chocantemente exagerada que à sombra protectora desse valor e da segurança que comporta tem florescido um nefasto capitalismo agrário — já não o daqueles que, embora absentistas, estão por tradição vinculados à propriedade da terra, mas o de outros que chegados à posse da riqueza a vão investir cómoda e lucrativamente na compra de prédios rústicos, dificultando o acesso dos agricultores à propriedade da terra e furtando a outros sectores capitais de que o País está tão carecido».

E destacou, seguidamente:

«O quanto este capitalismo agrário, mantendo e agravando até o valor da terra, tem sido nocivo ao desenvolvimento da agricultura portuguesa é coisa que se apresentará como evidente a todos os que tenham alguma noção da imperiosa necessidade, para uma actividade económica, de trabalhar com meios de produção baratos. E a terra é o factor de produção básico no sector da agricultura».

A nossa agricultura tem revelado uma desastrosa incapacidade para se adaptar às condições que nos impõe o jogo de inelutáveis forças económicas

Depois de apontar as principais causas da crise em que se debate a agricultura (nomeadamente, errado regime legal de transmissão da terra, desequilibrada repartição do solo entre os proprietários rurais do País, predomínio de massas assalariadas excessivamente numerosas em certas regiões, manutenção de certas formas de exploração da terra resultantes de tipo de convenções negociadas, em posições de notória desigualdade, entre os que dominam juridicamente a terra e aqueles que directamente a trabalham, as insuficiências do crédito, o êxodo dos rendimentos do sector agrícola, os processos de comercialização dos produtos agrícolas e o nível dos preços, desligados dos custos de produção), o dr. Mota de Campos disse:

«As condições estruturais em que se desenvolve a actividade agrícola nacional estão a exigir uma severa correcção na base de uma estreita cooperação entre o Estado e os destinatários da acção a desenvolver. O esforço num tal sentido tem de ser firme e profundo, imediato e proffcuo, porque a nossa agricultura está a revelar uma desastrosa incapacidade para se adaptar às condições que interna e externamente nos impõe o jogo de inelutáveis forças económicas. É exactamente nesta inadaptação criada no mundo — e designadamente na Europa — após a última guerra, que reside a crise da nossa agricultura.

«Haveremos de vencê-la, porque outros a estão vencendo também — e ao afirmá-lo limito-me a expressar a minha ilimitada confiança na admirável capacidade que o nosso povo sempre revela para, quando devidamente solicitado e conduzido, corresponder às exigências de qualquer luta.»

(Continua no próximo número)

TOTOBOLA

AGENTE OFICIAL:

José Pereira da Silva Corrêa

CASA IRIS - Barcelos

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Sede — LISBOA

AGÊNCIA EM BARCELOS

Largo da Porta Nova, 41 — Telefone 82318

Descontos — Depósitos à Ordem e a Prazo — Transferências s/ o País e Estrangeiro
Moedas e Notas Estrangeiras

Esteve em Lisboa o Snr. Presidente da Câmara

Esteve em Lisboa o Snr. Dr. Luís Fernandes de Figueiredo, que, em alguns departamentos do Estado, se ocupou de diversos assuntos de interesse para o nosso concelho. Nomeadamente, fez entrega a Sua Ex.ª o Ministro da Justiça, do ponto de vista camarário quanto à localização do Palácio da Justiça, já há tempos considerado quando foi diligenciada a visita que o Snr. Director Geral da Justiça fez a Barcelos.

Também foi analisada a implantação da Casa dos Magistrados, outra iniciativa logo nas primeiras diligências que o Snr. Presidente da Câmara fez no referido Ministério que mereceu imediata promessa do ilustre titular da Pasta da Justiça.

Irá agora iniciar-se o estudo do respectivo projecto destas obras, cuja realização havia sido já dada a conhecer ao público em devido tempo.

O Snr. Presidente da Câmara conferenciou também com o Snr. Ministro das Obras Públicas, cuja visita a esta cidade se espera para breve.

Aniversários

FAZEM ANOS:

Hoje — As Snr.ªs D. Maria Manuel de Sá Ramires Barreiros, Dr.ª D. Maria Emília Machado Maciel Beleza Ferraz Torres e D. Maria Julieta de Sousa Cunha, os Srs. Dr. Mário Vieira de Sousa Basto e Mário Fernando Oliveira Viana de Queirós e a menina Maria Olinda Machado Figueiredo.

Amanhã — A Snr.ª D. Maria José Machado de Carvalho e a menina Maria Fernanda da Silva Teixeira.

Sábado — As Snr.ªs D. Maria Laura Matos Viana Lopes Carmona Gonçalves e D. Felismina Rodrigues da Silva, os Srs. Dr. Luís Fernandes de Figueiredo, D. Vicente Mahiques Senti e José Araújo Gonçalves e o menino José António Baltazar Ferreira da Silva.

Domingo — A Snr.ª D. Maria Alice Barroso Coutinho, o Snr. Engenheiro Horácio Augusto Viana de Queirós e o menino Belarmino Marcos da Costa Coutinho Rodrigues.

Segunda — A Snr.ª D. Joaquina Macedo de Miranda, o Snr. Alvaro de Almeida Martins, a menina Rosa Maria da Cunha Guimarães Azevedo e o menino Domingos Luís Monteiro Lopes.

Terça — As Snr.ªs D. Júlia Gomes Pereira de Figueiredo e D. Antónia Meira de Carvalho e as meninas Maria Isabel Correia de Abreu e Nídia Maria Bandeira da Silva.

Anunciem no

Jornal de Barcelos

Dr. Albino Borges de Pinho

Do nosso prezado amigo e assinante Sr. Dr. Albino Borges de Pinho, ilustre advogado em Lisboa, recebemos uma atenciosa carta em que nos envia parabéns pelo aniversário do nosso jornal.

Também fez o favor de nos remeter 100\$00 para pagamento da sua assinatura, o que muito agradecemos.

Tempo presente

Recebemos os números 26 e 27 da magnífica revista portuguesa de cultura — "Tempo presente" de que é director o escritor Fernando Guedes. Lamentamos que nos não tenham enviado alguns números anteriores a este. Nestes volumes apreciamos uma escolhida colaboração em que se tratam assuntos variados, desde o ensaio e poesia à conferência, a notas e comentários, a crítica literária e artística, etc.

São páginas instrutivas e cheias de interesse que se lêem com proveito e prazer.

Em Barcelinhos

É já no próximo sábado às 21 horas que sairá da Igreja Paroquial um cortejo luminoso com a Imagem de S. Sebastião de desagravo e de penitência.

Barcelenses, contamos convosco.

Sê patriota — protesta contra o terrorismo e contra o roubo à mão armada.

Sê cristão — reza pelos destinos de Portugal Eterno.

CINEMA

Hoje, às 21,30 horas, no Cine-Teatro Gil Vicente será apresentado o filme inglês:

METROPOLITANO NO ESPAÇO

Tremenda caça ao homem em Berlim.
Um filme policial em que o « suspense » é rei.
Com Van Johnson e Hildegard Neff.
Para adultos.

No domingo, 21, à tarde e à noite, a produção francesa, segundo a obra do escritor russo DOSTOIEVSKY, desenhado por 3 dos maiores nomes do cinema europeu:

NOITES BRANCAS

O encanto do primeiro e único amor de uma mulher.
O filme mais aplaudido no Festival de Veneza.
Com Maria Schell, Marcello Mastroianni e Jean Marais.
Também para adultos.

A seguir: O CÉU NÃO SE VENDE — um espectáculo cheio de beleza!

Maria Angelina Corrêa

MÉDICA ESPECIALISTA DE CRIANÇAS

Clínica Geral de Senhoras

Consultas das 10 às 12

Campo 5 de Outubro Telefone 82398

Baptizados

Na Igreja Matriz, baptizou-se uma filhinha do Snr. Manuel Ferreira Grilo e da Senhora D. Maria Amélia Fernandes da Cunha.

A neófita recebeu o nome de Isabel Maria e foram padrinhos o Snr. Delfim Fernandes da Cunha Vilas Boas e a Snr.ª D. Maria Isabel Fernandes da Cunha.

— Na Capela da Casa da Torre de Geraz em Santa Maria de Geraz do Lima, o Rev. Pároco da freguesia, baptizou no passado dia 1, com o nome de António Luís, o primeiro filho varão, da Snr.ª D. Maria do Rosário de Fátima Calheiros de Noronha Pereira Coutinho e de seu marido o Snr. Luís Maria de Azevedo e Menezes de Almeida Ferraz.

Foi madrinha Nossa Senhora do Amparo, Padroeira da Capela e padrinho o tio paterno Snr. António Miguel de Azevedo e Menezes de Almeida Ferraz.

Laboratório de Análises Clínicas

JOSÉ ANTÓNIO BELEZA FERRAZ

LIC. EM FARMÁCIA

R. D. António Barroso, 129, 1.º-Dt.º

Telef. 82624 — BARCELOS

Construção da Casa do Povo de Pedra Furada

Faz-se público que no dia 3 de Fevereiro de 1962, pelas 14 horas, na sede da Casa do Povo de Pedra Furada — Barcelos, perante a Comissão para esse fim designada, se procederá ao concurso público para arrematação da obra de « Construção de um edifício para Sede da Casa do Povo de Pedra Furada ».

Base de licitação 358.623\$68 (trezentos e cinquenta e oito mil seiscentos e vinte e três escudos e sessenta e oito centavos).

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, suas Filiais ou Delegações, o depósito provisório de 9.000\$00 (nove mil escudos), mediante guia passada pelos próprios concorrentes em qualquer dia útil, até às 12 horas do dia do concurso.

Tem ainda o concorrente de estar classificado como empreiteiro de obras públicas, na 1.ª subcategoria, da I categoria e na 1.ª classe estabelecidas pelo Regulamento do Decreto-Lei n.º 40.623, de 30 de Maio de 1956.

O depósito definitivo será de 5% (cinco por cento) da importância da adjudicação.

O programa de concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Secretaria da Casa do Povo e na Direcção de Urbanização do Distrito de Braga.

Pedra Furada, 10 de Janeiro de 1962.

O Presidente da Direcção:

João do Vale Vilas Boas

Presidente da Câmara

Passou na passada quinta feira, dia 11 do corrente, o segundo aniversário da posse de Presidente da Câmara, do nosso estimado amigo e ilustre barcelense Snr. Dr. Luís Fernandes de Figueiredo.

Devido aos acontecimentos que recentemente enlutaram a vida nacional, a Comissão Concelhia da U. N. resolveu que este ano, não se realizassem os habituais cumprimentos de felicitações ao Senhor Presidente da Câmara.

Para os pobres

O nosso prezado amigo e assinante, Snr. Fernando Lopes Rothes, do Porto, esteve na nossa redacção a apresentar cumprimentos, o que agradecemos.

Pagou a sua assinatura para 1962, deixando 10\$00 para distribuir pelos pobres do jornal.

Em nome dos contemplados, os nossos agradecimentos.

Alberto Leal

Passa no próximo domingo o aniversário natalício do nosso prezado amigo e assinante Snr. Alberto Leal.

Para comemorar este dia enviou-nos um donativo para os nossos pobres.

Felicitações o nosso amigo e agradecemos em nome dos contemplados.

Alto-falantes

Para abrilhantar as vossas Festas preferiam sempre a Casa

José Fernandes

R. Miguel Miranda, 40 — BARCELINHOS

Telefone 82245

BARCELOS

Fotografia em todos os géneros

COLCHÕES MOLAFLEX

10 anos de garantia
provam a sua eficiência

MÓVEIS TELES

Telefone 82453

BARCELOS



Boletim de Informação Pastoral

Recebemos o número respeitante aos meses de Setembro — Outubro do «Boletim de Informação Pastoral» de que é director o Rev. Dr. Manuel Franco Falcão. É uma publicação de carácter cultural e informativo de assuntos eclesiásticos e suas relações com outras actividades. Podemos garantir que se trata da melhor publicação que se publica em Portugal e que serve admiravelmente a cultura do clero e dos leigos. A orientação que se imprimiu desde o primeiro número tem-se mantido sempre sem quebra dos princípios sãos e sólidos em que assenta.

×

Farmácia de Serviço

Encontra-se de serviço permanente no próximo domingo a farmácia OLIVEIRA, na Av. dos Combatentes da Grande Guerra.

Para o pessoal da Tipografia «Vitória»

Das pessoas abaixo mencionadas recebemos, para o pessoal que trabalha no nosso jornal, as seguintes quantias: Simão Guimarães, Filhos, Ld.ª, 50\$00; Padre Areias da Costa, 20\$00 e Director da Casa de Saúde de S. João de Deus, 20\$00.

A estes nossos amigos agradecemos a atenção que tiveram para com o referido pessoal.

Emissora Nacional

A Emissora Nacional, na revista de imprensa dos jornais do norte, da última quinta feira, referiu-se ao artigo do nosso distinto colaborador Dr. Ferreira Barrosó, intitulado «A inconstância», radiodifundindo diversas passagens.

Leia JORNAL DE BARCELOS

Leonel Godinho Meira

Missa do 2.º Aniversário

Sua família, na passagem do 2.º aniversário do falecimento do querido extinto, manda celebrar na Igreja



de Santo António, no dia 20 do corrente, pelas 8 horas, uma Missa em seu sufrágio, agradecendo, desde já, a todas as pessoas que se dignarem assistir a tão piedoso acto.

Adriano Angelo de Castro

Retirou para Braga, destacado para o Serviço de Prevenção e Repressão das Infracções Fiscais, o Secretário de Finanças e nosso estimado amigo Snr. Adriano Angelo de Castro, que há quatro anos se encontrava nesta cidade como Subchefe da Repartição de Finanças.

Funcionário competente, atencioso e muito educado, cedo granjeou a maior consideração e estima dos barcelenses.

Felicitemos o considerado funcionário a quem desejamos as maiores felicidades.

Trespasse

Trespasa-se, por motivo de emigração do proprietário, uma casa de mercearia e Vinhos, na Rua Latino Coelho, esquina da Rua Serpa Pinto, Póvoa de Varzim. Falar com o próprio.

Vida Desportiva

Campeonato Regional

Terminou no domingo o Campeonato Regional de Braga. Os resultados dos jogos da última jornada, foram os seguintes:

Fluvial—Gil Vicente, 1-5; Leões—Taipas, 1-0; A. de Fafe—Monção, 1-1; Limianos—Esposende, 6-2 e Famalicão—Arcos, 7-1.

Ganhou o campeonato, com todo o merecimento, o F. C. de Famalicão e em segundo e terceiro ficaram classificados, respectivamente, o Gil Vicente F. C. e o Desportivo de Monção.

Os representantes de Braga no campeonato nacional da III Divisão, há muito apurados, são o F. C. de Famalicão, o Gil Vicente F. C. e o Desp. de Monção.

Se bem que ainda falte disputar-se o jogo em atraso Fafe—Leões, o seu resultado não alterará a tabela da classificação do Campeonato Regional de Braga da presente temporada.

Futebol

Gil Vicente F. C., 4—Leões, 0

No passado domingo, dia 7 do corrente, no Campo Adelinho Ribeiro Novo, o Gil Vicente defrontou-se com «Os Leões», de Braga.

O resultado foi de 4-0 favorável à equipa local, com 1-0 ao intervalo.

O jogo foi disputado com energia por ambas as equipas mas de fraco nível técnico. O onze barcelense embora tivesse melhorado bastante na parte final do encontro, teve actuação fraca, especialmente da linha avançada.

Foram autores dos golos: Mesquita, aos 43 minutos de jogo; Teixeira, aos 19 e 35 minutos do segundo tempo e Manuelzinho, aos 41 minutos.

—No próximo domingo o Gil Vicente desloca-se a Chaves, onde vai defrontar-se com o grupo local a contar para o Campeonato Nacional da III Divisão.

—X—

As cheias do Douro

O Snr. Engenheiro Arantes de Oliveira, ilustre Ministro das Obras Públicas, esteve no Norte onde na cidade do Porto e em vários concelhos inteirou-se dos estragos causados pelas cheias do Douro, determinando providências para acorrer aos casos mais urgentes.

Com igual intuito, também deslocou-se à cidade Invicta o ilustre titular da pasta da Saúde e Assistência, Dr. Henrique Martins de Carvalho.

Os estragos causados pela catastrófica cheia do Douro, maior ainda que a do ano de 1909, são bem conhecidas dos nossos leitores, através das desenvolvidas reportagens dos jornais diários, do Porto.

FALECIMENTO

Padre Manuel Joaquim de Sá

Em Lijó, freguesia que parou durante mais de 40 anos, faleceu no passado dia 30 de Dezembro, e após prolongada doença, o nosso prezado amigo Sr. Padre Manuel Joaquim de Sá, de 79 anos.

Sacerdote muito virtuoso, era natural da freguesia de Aldreu do nosso concelho.

Na freguesia de Lijó, era muito estimado e respeitado.

O seu funeral, para o cemitério paroquial de Lijó, constituiu uma grandiosa manifestação de pesar.

Jornal de Barcelos apresenta a toda a família enlutada sentidas condolências.

Correio das Aldeias

Silveiros, 1

Sempre com o «Jornal de Barcelos»

É possível que os prezados leitores do nosso jornal hajam estranhado a ausência do autor da modestíssima crónica de Silveiros, que desde meados de Setembro deixou forçadamente de exercer uma missão assumida há cerca de uma dezena de anos para com o sempre simpático Jornal de Barcelos e com os seus milhares de leitores.

Na verdade, temos que confessar o involuntário silêncio em que nos mantivemos tanto tempo e, embora tal facto já outras vezes se tenha registado, parece-nos que jamais se verificou, desde que assumimos esta ingrata missão, tamanho período de silêncio da nossa parte.

Por tudo isso, mais uma vez imploramos o perdão dos nossos leitores, a quem prometemos continuar nestas colunas com a nossa mais leal e desinteressada colaboração, a bem desta linda e donairoza terra: Silveiros.

Festas do Natal e Ano Novo

É sempre com o mais vivo prazer que, nesta quadra festiva, vemos no nosso meio dezenas de pessoas silveirenses que durante o ano inteiro labutam por essas terras deste Norte do país, dum modo especial no Porto e seus arredores.

Vende-se

Automóvel Vauxhall, número I. F.—61-16, Modelo Victor «super»—1958, com 14.000 k.—do Centro de Assistência Social «O Lar dos Pobrezinhos»—Viatodos.

Aceitam-se propostas em carta fechada, reservando-se o direito de licitação entre os pretendentes, no acto da abertura das propostas, que terá lugar no dia 18 de Fevereiro, às 16 horas.

As propostas devem ser enviadas à sede até ao dia 13, em carta registada.

Este carro está em exposição na «Eléctrica Limitada» —Estação de Serviço—Vila Nova de Famalicão.

Ainda desta vez, esses estimados conterrâneos não faltaram, apesar do mau tempo que se fez sentir e da tristeza nacional que envolveu e envolve todo o Império Português por motivo da bárbara agressão indiana à martirizada Índia Portuguesa.

Em consequência disso e porque todos estamos de pesado luto, o Natal de 1961 e a entrega deste ao Novo Ano de 1962 não se revestiram de quaisquer actos festivos, e só as marchas de silêncio prenderam e prendem a atenção dos Portugueses, de todos os bons Portugueses. O momento presente não é, na verdade, para festas profanas, mas sim de penitência e fervorosa oração e, sendo assim, também os nossos prezados hóspedes o compreenderam claramente, associando-se a todos os actos litúrgicos que tiveram lugar durante os dias de Natal na nossa Igreja Matriz.

Aqui registamos o facto com o maior agrado e, a todos, os nossos mais respeitosos cumprimentos com votos sinceros de que tenham passado um bom Natal, desejando igualmente a todos um feliz e próspero Ano Novo.

Porque é muito elevado o número de visitantes— todos nossos estimados conterrâneos e amigos que aqui vieram passar o Natal com suas famílias— não nos é possível publicar os seus nomes, esperando todavia, que todos compreendam a falta de espaço com que luta o nosso jornal. Do facto pedimos desculpa.

A NORTENHA

**VENDE
COMPRA
HIPOTECA**

Forque POSSUI UMA ORGANIZAÇÃO COMPLETA

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

PORTO — PRAÇA D. JOÃO I, 25-11 TEL. 26706-30181
LISBOA — PRAÇA DA ALEGRIA, 58-TEL. 366781-366812

Protecção do figurado

(Continuação da página 6)

feitinhos bonecos de hoje não reflectem uma "maneira de ver", e podem-se fazer passar por naturais de qualquer outra terra e até nação. Não há pois que hesitar (3).

O essencial no figurado, para mim, quando o pondero deste ponto de vista, reside, como esquematicamente pretendi mostrar, no espírito e na forma. Será possível preservá-los? Desde que se intervenha a propósito, usando meios convenientes, talvez. Estas coisas já assim as entenderam os nossos irmãos brasileiros, que não se ficam a chorar a dama que morre, mas lhe acodem com as medicinas revitalizadoras. Não há contudo tempo a perder, pelo contrário, se por aqui quiserem seguir-lhes o exemplo. Enquanto há uma Rosa Ramalha e um João Maciel em S. Martinho de Galegos, uma Teresa Carumas, uma Rosa da Rocha e um Domingos Gonçalves Lima em Santa Maria de Galegos, é tempo de agir.

(1) A dinâmica cultural que presidiu ao abandono dos velhos modelos e à sua substituição por outros novos e estranhos, constitui por si matéria para um estudo. Além da evolução do gosto do consumidor, conjecturo ainda os seguintes factores: a imitação de peças de outras origens (a imitação do superior pelo inferior); a alteração nas relações entre produtor e consumidor por interposição de elementos adventícios; o aparecimento de uma nova classe de compradores por junto, que terá introduzido o costume das encomendas de tipos apresentados pelo próprio comprador.

(2) As cabeças dos bonecos de Estremoz eram, por volta de 1918, obtidas por meio de moldes (Vid. Luís Chaves, *Arte Popular do Alentejo — Etnografia Artística — Os Barristas de Estremoz, a Oficina e a Técnica*, in *Portucale*, vol. VI, n.º 35, Set.º — Out.º 1933, págs. 187 e 188). E, apesar da mistura de modelação e moldagem, o bem conseguido resultado pode ver-se na colecção do Museu Etnológico do «Dr. Leite de Vasconcelos», pois algumas peças lá expostas (informa Luís Chaves) foram executadas dessa forma. Possivelmente tal será o processo lá usado ainda hoje. Agora mesmo, examinando duas peças da minha pequena colecção, pareceu-me isso evidente.

Devo referir, até para prevenir dos riscos de tal processo, que, quando em 1960, se preparava a Exposição da Indústria Regional de Barcelos, vi algumas figuras que uma bonequeira de St.ª Maria de Galegos, com desvelo e apuro fizera, destinadas a essa exposição. Na preocupação do apuro, do bonito, a corpos modelados enxertara cabeças moldadas! Que desgraça! Era total o desacordo entre uma coisa e outra.

Pode-se perguntar: Porque razão num caso há acerto e noutro houve desacerto? Evidentemente que a explicação existe.

Primeiro que tudo, note-se a delicadeza que possui o figurado de Estremoz (a preocupação de simetria é um seu aspecto que dá bem nas vistas) e de que o de Barcelos carece (são outras as suas qualidades). Com o tratamento mais pormenorizado e acabado calham bem as cabeças moldadas, desde, como se verifica, que no mais se casem as duas partes.

Os bonecos de Barcelos, esses, dir-se-ia que estão mais pegados à terra, e, não obstante o exagero de minúcia que a tal bonequeira imprime às suas figuras, não se livraram elas da marca regional. Como poderiam as cabeças, tiradas de moldes que dão umas melifluas meninas vestidas «à moda do Minho», harmonizar-se com os corpos ainda não completamente lavados?

De tudo, não se conclua que seja eu um grande entusiasta do molde. O que quero dizer é que, se ele é indispensável para assegurar um determinado ritmo na produção, se me afigura possível utilizá-lo com outra dignidade, em favor do autêntico regional.

(3) Isto digo eu e hoje muitos pensam assim, tantos que não há sequer aí matéria para surpresa. No entanto, traduzo de *L'industrie céramique de Barcelos*, comunicação apresentada por Fernanda de Matos Cunha ao XV Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-histórica, Paris 1931, o seguinte trecho, que cada qual julgará como entender: «A argila branca serve para fabricar pequenas estátuas nos moldes duplos e adaptáveis. O género, o gosto, a perfeição destas variam sem limites. Há-as completamente brancas, simples, bastante delicadas, outras grosseiras e imperfeitas, desajeitadamente coloridas de vivas tonalidades que denunciam a vivacidade dos gostos indígenas, outras ainda ridículas e monstruosas. Há-as que representam rapazes que sorriem estupidamente, músicos de bandas militares, com graves bigodes marciais, raparigas com chapéus arcaicos que a moda banuiu há muito tempo, Virgens de Fátima para todas as devoções, santos horrendos, malfeitores e capazes de abalar a fé mais inabalável, animais escapados à fossilização das antigas épocas geológicas. Todavia, neste amalgama de mau gosto deve-se distinguir umas meninas risonhas e irónicas, bastante graciosas, cuja venda é corrente no Porto, e sobretudo a indústria dos bustos de homens célebres.»

Manuel Monteiro de Carvalho

MÉDICO
Consultório: Campo 5 de Outubro, 14
Consultas das 15 às 18 horas
Telefones { Consultório 82325
Residência 82609
BARCELOS

ALTO-FALANTES

Prefiram sempre a
CASA SOUCASAUX
TELEFONE 82345
Fotografias — Rádios — Oculos
Artigos fotográficos, etc.
BARCELOS

PARA PRESENTES...

fixe somente esta Casa:
Ourivesaria Milhazes

Filial: Rua D. António Barroso
BARCELOS
Sede: Rua 5 de Outubro, 35
PÓVOA DE VARZIM

Máquinas de costura em 2.ª mão

Vende, compra e troca:
Fernando Valério de Carvalho
Av. Combatentes G. Guerra, 158
Telefone 82583 — BARCELOS

Tractores "FORDSON,"

Mais BARATOS = Mais ADERENTES = Mais VELOZES

GAMA COMPLETA DE ALFAIAS
A MELHOR ASSISTÊNCIA

Concessionários para o Distrito de BRAGA e VIANA DO CASTELO:

SOCIEDADE AGRICOLA E COMERCIAL DO NORTE, L.DA

Av. Marechal Gomes da Costa, 741 BRAGA TELEFONES: 22450 e 23998

Curso de podadores de oliveiras

No intuito de preparar pessoal, devidamente adestrado nas práticas agrícolas, a Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, levou a efeito mais um curso de podadores de videiras no nosso concelho.

Estes cursos são da maior utilidade, porque através deles se preparam os trabalhadores tão necessários para a execução das boas práticas culturais, ao mesmo tempo que a ligação existente entre os técnicos agrícolas, os leva a procurar divulgar nas suas freguesias, o muito que aprenderam durante os cursos.

O exame final do curso teve lugar na propriedade do Sr. José Luís da Cunha e a ele assistiram o Inspector da I Zona Agrícola, Eng.º António Lacerda; o Director do Posto Agrário de Braga, Engenheiro João Vasconcelos e os Engenheiros Eurico Gondim e Limpo Trigueiros, da Estação Agrária do Porto e Posto Agrário de Braga, respectivamente e, em representação da Direcção do Grémio, o Sr. Artur Matos.

Todos os instruídos tiveram aproveitamento e esperam agora que os Senhores Lavradores recorram aos seus serviços, para o que podem informar-se no Grémio da Lavoura desta cidade.

Leitões, Vitelos

Se os seus animais têm DI-SENTERIA dê-lhes SOLTURIN
Laboratório da Farmácia Pinho
GUILA — LEIRIA

Amieiros

Compra aos melhores preços a V.ª de José Luís da Cunha.
Largo da Calçada, 38 — Barcelos.

RELOJOARIA CARVALHO

O Relojoeiro de confiança em Barcelos.
Avenida Dr. Oliveira Salazar, 40

Casa de habitação

Na Estrada de Baixo, Arcozelo, aluga-se. Falar na Padaria Baptista.

O Castelo de Faria

(Continuação da página 6)

Tão auspicioso plano não podia deixar de entusiasmar o Castelhana, que logo o mandou conduzir à vista do filho.

O resto é bem conhecido como uma das maiores lições de lealdade e um dos mais notáveis heroísmos da História.

O alcaide, ao visitar o filho, lembra-lhe em altos brados que recebera de El-Rei o castelo para o guardar e impõe-lhe, sob pena da sua bênção, que o não entregue aos inimigos nem o dê a mais ninguém. «E por tormentos nem morte que me vejas dar, nom ho entregues a outrem, se nom a el Rei meu senhor, ou aquem to el mandar entregar por seu certo recado».

Diz a crónica que os de Castela ainda lhe perguntaram se estava a falar a sério ou «de jogo» (a brincar). E julgando-se «escarnidos» (escarnecidos), «em presença do filho o matarom». Não correu em vão o sangue do heróico alcaide. O cronista se encarrega de esclarecer; «e nom cobraram porrem o castello». O espanto, o assombro causado pelas suas palavras encheu de tal ânimo os defensores que nem um terrível incêndio ateadado por um colmeiro em chamas atirado pelos Castelhanos lhes diminuiu a resistência ou enfraqueceu a lealdade.

O filho do alcaide sacrificado soube ser digno do sacrifício heróico do pai «e depois lhe deu el Rei huum mui homrrado beneficio, por quanto lhe prougeu escolher vida de clérigo». De facto, foi pároco de Manhente, não muito longe do lugar que a morte do pai glorificara para sempre.

BOBINAGENS

DE

Motores Eléctricos

Domingos de Jesus Ferreira
Residência: Lugar da Santa Marta, 1
BARCELOS

César Ferreira Cardoso

ADVOGADO

Largo D. António Barroso, 9

Telefone 82447 — BARCELOS

Visado pela Censura

Cumprimentos de Boas-Festas e Ano Bom

Centro Comercial Barcelense, de Cecílio Cachada de Magalhães; António Dias Pereira de Miranda; Maria Alice, Maria Amélia Fernandes da Silva, estudantes; Casa dos Rapazes; Direcção do Grémio do Comércio de Barcelos; João Matos Maia; Farmácia Cerqueira, Ponte do Lima; Francisco José dos Santos, 1 Sub-chefe da P. V. T. aposentado; Maria da Conceição Ochoa de Castro, Maria do Carmo Miranda, Maria da Soledade, Ana Maria Pedras, estudantes; Alcino Ferreira da Cunha, Pintor de Construção Civil, Carvalhal; Maria José, Maria Lusa da Rocha Gonçalves, estudantes; Carlos Augusto Pereira de Faria; D. Maria Emilia Gomes de Araújo; Corrêa e Cardoso; Maria Generosa Madeira de Figueiredo, estudante; Manuel da Graça Gonçalves Pereira, guarda-livros; Rosa Maria Abreu de Carvalho, estudante; Reinaldo da Silva Ferreira Casais, Agente da P. S. P.; Direcção da Conferência de S. Vicente de Paulo, de Barcelos; Família Saldanha, Porto; NOMALI - Nova Fábrica de Malhas; Maria Manuela Encarnação, Maria Lusa Pedras, estudantes; Teresa de Jesus Lima Mesquita; Manuel José da Silva; Alberto Moraes de Melo e Faro, Inspector do Trabalho; Costas e Quintela, Ld.ª; Arcipreste Rodrigo Alves Novais; Joaquim Alves Coutinho e Irmãos; P.º José Martins Amaro, Pároco dos Arcos Valdevez; Director da Casa de Saúde de S. João de Deus; Salvador Ballester Ramos, correspondente bancário, Barroelas; Dr. José Ferreira Gomes, advogado e Adm. da Comp. Açucareira do Cuanza, S. A. R. L.; António da Silva Pimenta, S. Mamede de Infesta; Dr. Abel Varela e Seixas, Chefe da Secção do Comissariado do Desemprego e Jornalista; A. Pinto Júnior, enfermeiro e massagista; Dr. José Luís Ferreira, escritor; Ana Maria Durães Matos Mendes, Fernanda Glória Martins Ferreira e Maria Isabel Santos de Miranda, estudantes.



POPULISMO NACIONAL

Por A. FILIPE

A pesar de vastíssima amplitude, focaremos principalmente em nosso trabalho o aspecto literário deste grande problema que é o Populismo Nacional. Uma nota característica da nossa literatura contemporânea é a tendência para assuntos populares, regionais, e em última análise portugueses. É o nacionalismo literário cujas raízes, escavadas, nos oferecem à vista um rico período de Literatura, a nossa Idade-Média literária.

Em abono, dela temos o Cancioneiro Galego-Português, textos religiosos, crônicas, além de vestígios linguísticos, históricos, jurídicos e arquitectónicos. Se quisermos um nome, lembremos João Garcia de Guilhade, um dos melhores versejadores do Cancioneiro, do qual se tem posto a hipótese de ser barcelense.

Nesse longínquo período inicial, a literatura nacional largamente representada, assombra-nos com produções aborígenes, transbordantes de frescura e beleza. Nem certamente invalidará essa alta honra para as nossas letras o facto de se vir a provar serem as moaxás árabes ou as jarchas hebraicas um estádio anterior das nossas canções paralelísticas.

Se cores tão nacionais presidem em parte ao nascimento, os escritores posteriores desvirtuam-nas para o colorido temático estrangeiro. É o desnacionalismo literário que em breve se tornará um dos traços fundamentais do pensamento lusitano. No século XVI, a obra colossal dos nossos empreendimentos marítimos como que nos força a uma viragem total, e em todos os sectores, para um portuguesismo radical. Além dos muitos documentos literários, temos, no que diz respeito à arte, o majestoso monumento dos Jerónimos onde o espírito nacional tem uma vincada marca de originalidade. Mas, em breve, *tonus* renascentista dominará tudo.

O Romantismo foi outra tendência do nacionalismo literário. Subjacente ao folclore, ainda hoje deparamos em narrativos e romances, estropiados, quase esquecidos do povo, com *motivos e traços literários* que, mesmo em nossos dias, constituem material corrente de muitos escritores. Livros medievais como *conto de Amaro*, *Visão de Tândalo* ou *Nobiliários* nos poderiam confirmar isto. A primeira fase do Modernismo Literário, apenas se valeu de uma parte dessa fonte inesgotável. Escavado este subsolo mental, poderíamos encontrar as mais fundas raízes da cultura moderna.

Ao século XIX, coube pois a honra de reabilitar a Idade-Média, movimento este que, pelo menos em Portugal, começou pela literatura. Do que

Protecção do figurado

(Continuação da página 1)

*

O que será fundamental no figurado? O que devemos estimar que ele, através todas as vicissitudes, conserve? Os modelos? As técnicas e os materiais? A forma? O espírito? Vejamos por partes:

1) Todos os modelos tiveram a sua origem, como diria Monsieur de La Palice; e nada nos garante que todos os que existiram tenham chegado ao nosso conhecimento, nem tão-pouco que os hoje conhecidos sejam primitivos. *O ciclista* (e *a ciclista*), que representa o registo de uma novidade e no qual julgo descortinar uma ligeira intenção crítica, é, p. e., um modelo a que se pode, sem grande erro, atribuir uma data, uma idade.

Desejável será, segundo penso, que o povo continui a encontrar na vida motivos para criar modelos, que o figurado permaneça como algo que, à sua maneira, o traduz. Lógico me parece que os motivos da sua arte, hoje como ontem, testemunhem as transformações que o tocam.

Problema melindroso é, sem dúvida, o prolongamento da existência dos modelos que vêm de trás. No entanto, e pois que a produção de tais peças depende essencialmente da procura no mercado, talvez um certo gosto pelo exótico, que tende a desenvolver-se e de que, sobretudo, se deixa possuir o turista, lhes garanta a continuação da vida, que, nestas condições, valha a verdade, se tornará um tanto artificial.

2) Quem quer sabe que, por efeito da difusão e da invenção, em todos os tempos, em todos os lugares e em todos os domínios da actividade, se verificou a adopção de novos processos técnicos e de novos materiais.

Substituiu-se o vidro pelas tintas. Desde que foi possível conservar a beleza e não atraiçoar o espírito, onde estará o inconveniente?

E os moldes? Não são tiradas de moldes umas pequenas *diligências* que hoje têm o condão de nos evocar poeticamente um mundo passado? Não saem de moldes os *galos* da produção corrente? (2) O problema dos moldes residirá neles ou na utilização que deles se faça? Bem sei que foi o molde um instrumento, talvez o principal, que possibilitou a rápida descaracterização do figurado, a cópia, a contrafacção. Mas por aí, suponho, não devemos concluir que tudo nele é mal, que não possua algum bem, ao menos potencialmente.

Não se depreenda, porém, que toda e qualquer inovação, neste domínio, tenha cabimento e plausibilidade. Na aplicação de tintas "à pistola" encontraremos um bom exemplo de novidade inadequada, visto como não se coaduna o efeito edulcorado com o carácter rústico das figuras (refiro-me ao velho figurado, no qual há-de entroncar o hipotético "novo" que realmente mereça o qualificativo de *regional*). Segundo vejo, a respeito de novos materiais e técnicas tudo está na adequação inicial ou na adaptação com vista a um resultado válido. E, quer em relação aos materiais e técnicas, quer em relação aos modelos, impor a fixação era exigir que parasse o tempo ou que esta gente se isolasse do mundo, continuando a viver uma vida pretérita, o que não só representaria uma injustiça como uma impossibilidade.

3) Se pretendemos invocar uma nossa particular linguagem plástica, teremos a respeito da forma de usar uma relativa intransigência, que incidirá sobre as tentativas de evolução arbitrárias, fraudulentas, e que representem um empobrecimento na qualidade. Rude? Também a escultura românica o foi, porém, dizem, traduziu-nos.

4) Outrossim o espírito cuida necessário defender com unhas e dentes... e senso. Havia e há ainda no *bom* figurado, ora uma *intenção* lírica, ora crítica, ora fantástica. Os *bem*

(Continua na página 5)

O Castelo de Faria

Pelo P.º BENJAMIM SALGADO

AQUI às portas da nossa Terra, há bem perto de seis séculos, viveu-se um dos mais heróicos feitos de armas de quantos iluminam e glorificam as páginas da nossa História.

Decorria o ano de 1373. O reinado do Inconstante arrastava-se em sobressaltos contínuos, provocados pela difícil e perigosa política externa de D. Fernando. Mais uma invasão castelhana espalharia o terror e a destruição no Reino, como em outras algaradas o havia feito. Quem nos relata o sucedido é o grande cronista Fernão Lopes, esse extraordinário temperamento de historiador, admirável pelo seu saber e isenção crítica, notável pelo estilo e pelo calor humano e poético que imprimia às suas crônicas. Compulsando a "Chronica d'El-Rei D. Fernando", nos capítulos 78 e 99, ficaremos a saber que o adiantado da Galiza, Pedro Rodrigues Sarmiento, entrara em incursão militar por Entre-Douro-Minho e chegara facilmente a Barcelos.

Aqui sentiu a oposição das tropas portuguesas que D. Henrique Manuel, tio de El-Rei, conseguira arregimentar. Eram soldados de vários fidalgos locais e tropas dos concelhos do Porto e Guimarães. O encontro ter-se-ia dado em local próximo da Vila, mas não identificado actualmente. No Monte da Franqueira, sobranceiro à Princesa do Cávado, levantava-se naqueles tempos, altaneiro e orgulhoso, o Castelo de Faria, onde se refugiavam, em horas de perigo e invasão, os numerosos habitantes do local. Ainda hoje se podem ver algumas ruínas desse majestoso castelo, que se terá desmantelado no século XV e que em 1563 terá fornecido boa parte da pedra e materiais utilizados na reconstrução do convento franciscano da Franqueira, como se lê na "Chronica da Soledade".

Não interessa para o caso saber que o Castelo de Faria é anterior à fundação da Monarquia, com certeza levantado como o de Guimarães para travar o ímpeto das invasões mussulmanas, e que é conhecido um documento nele assinado por D. Afonso Henriques, ainda príncipe.

Era então seu alcaide Nuno Gonçalves de Faria, que recebera de D. Fernando a honra e o encargo de o defender.

Pareceu a este fidalgo que seria de boa estratégia atacar o exército de Sarmiento, de surpresa, quando ele se empenhava em dar batalha a D. Henrique Manuel. E assim resolveu. Deixa a defesa do Castelo confiada a seu filho e avança com alguns soldados a surpreender o adiantado da Galiza, com nova frente de combate. Saíram-lhe, porém, errados os cálculos. Ao tempo que se apresentou para batalhar com Pedro ou Pero Sarmiento, já o exército do tio de El-Rei abatera bandeiras e o seu chefe retirara para Ponte do Lima, pelo que não foi difícil ao Castelhana vencer e aprisionar Nuno Gonçalves.

É nesse instante de derrota que começa a fervilhar o sentimento da lealdade e o sentido do patriotismo do alcaide, perante a suposição aflitiva de que o filho, ao saber do acontecido, poderia ser tentado a entregar o castelo para salvar o pai. E não sossega e não descansa, em tão terrível transe, pensando muito menos em salvar a vida do que em garantir a honra. E foi quando se lembrou de um estratagemma que só o heroísmo mais sublime podia inspirar. Então, não vacila. Expõe a Sarmiento que se o levassem preso junto do Castelo e o deixassem falar, instaria o filho para que entregasse a praça.

(Continua na página 5)

se trata, porém, é de um avanço cultural em todos os planos quer filosófico, científico e artístico, quer estético, religioso e político, cuja interpenetração é sobejamente explicada por Toynbee, com a triplíce lei da dissociação, penetração e afinidade.

O exagero realista, repleto de preocupações de ordem social, apregoará em breve uma pseudo-redenção do homem no plano universal. A catequese social invadirá a esfera das letras para, em última análise, redundar em falhada apologia de uma causa e de um núcleo ambicioso de dirigismo intelectual que praticamente tem equivalência no "paraíso soviético".

A lógica sequência da síntese romantismo-realismo é a

motivação de uma realidade social, mas da própria nação. A sociedade, o modo de viver do povo, a miséria das classes e o seu atraso intelectual e cultural, superstições vêm fornecendo óptimos quer a romancistas e dramaturgos, quer a poetas. Não é propriamente literatura regional, parcialista, fruto talvez de muita erudição sobre coisas do povo, e não daquela cultura geral que sabe repôr tudo num grande quadro geral. Dar uma interpretação superior às realidades quotidianas.

Nos últimos tempos, tanto esta atitude se acentua que vimos assistindo ao regresso de alguns escritores, do neo-realismo para o populismo nacional. Retorno à linha portuguesa.